

“Deus me livre! Vou rezar muito e pedir para não cair nesse Cantagalo”: negociações e conflitos em jogo no processo de implementação de políticas públicas em uma favela da cidade do Rio de Janeiro.

Juliana Blasi Cunha¹

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo descrever e analisar as divergentes lógicas que orientam o PAC e os moradores em relação à forma como concebem o espaço do chamado “Complexo Pavão-Pavãozinho-Cantagalo”. A partir do método etnográfico, o trabalho evidencia que o PAC foi elaborado e atua nesse espaço concebendo-o como um todo coeso, integrado e uniforme; ao passo que, o que está em jogo, para os moradores, é a contiguidade de duas favelas distintas e historicamente marcadas por uma série de disputas e rivalidades entre seus moradores, que se reflete em sua organização sócio espacial.

Palavras-chave: políticas públicas, favela, conflito, organização sócio espacial.

Abstract:

The article aims to analyze the different perceptions of the PAC and the residents on the area known as “Complexo Pavão-Pavãozinho-Cantagalo”. In an ethnographic way, this work discuss the process that bring to the fore the alliances and disputes that permeate the socio-spatial organization established by the residents. The PAC has been developed and operates at the “Complexo” conceiving it as an uniform and integrated area; but, for the residents, it is two neighboring slums with a series of rivalry and disputes between them.

¹ Doutoranda Antropologia Social.
PPGAS/Universidade de São Paulo

O processo de negociação do valor da indenização do PAC e a diferenciação entre os moradores do “Complexo Pavão-Pavãozinho-Cantagalo”.²

Em 2009, logo nas aproximações iniciais do trabalho de campo dessa pesquisa, fiquei sabendo que as reuniões de negociação, relativas aos valores das indenizações das casas dos moradores que seriam “remanejados” por conta das obras do PAC, estavam em curso. Representantes do PAC e moradores do “Complexo Pavão-Pavãozinho-Cantagalo” buscariam, nessas reuniões, chegar a um consenso sobre as formas de compensação para os proprietários que teriam suas casas demolidas, para que o alargamento de ruas e construção de praças e playgrounds fossem executados pelas obras do PAC.

Essas negociações se davam separadamente entre cada família de moradores e os agentes representantes da CEHAB-RJ³ em uma das salas do prédio do Brizolão, no Cantagalo. Na sala reservada às negociações estavam presentes um engenheiro, um advogado e um secretário que compunham a equipe da CEHAB-RJ. Os moradores presentes haviam recebido em suas casas uma notificação sobre a necessidade de ali comparecerem para negociar suas casas ou imóveis comerciais que seriam demolidos para viabilizar a execução do projeto urbanístico idealizado pelas obras do PAC. A esses moradores, o PAC oferecia três opções: 1. Apartamentos construídos pelo PAC no “Complexo Pavão-Pavãozinho-Cantagalo”; 2. Indenização em dinheiro; e 3. Compra assistida.

As negociações que tive oportunidade de acompanhar deram-se com as famílias de moradores do Pavão-Pavãozinho. O processo de negociação com as famílias de moradores do Cantagalo havia sido iniciado semanas antes e alguns desses já haviam chegado a um consenso e estavam inclusive recebendo seus cheques indenizatórios ou chaves simbólicas dos apartamentos do PAC para onde se mudariam. Os moradores do Pavão-Pavãozinho aguardavam, em clima de apreensão, juntos do lado de fora da sala de negociação. De acordo com uma lista, cada família foi sendo chamada, separadamente, para entrar na sala pelo secretário da equipe. Enquanto a família entrava e acomodava-se sentando nas cadeiras da mesa de frente para a equipe, o engenheiro foliava uma pasta-arquivo em suas mãos. Nessa pasta estavam as fotos e a planta da casa, o cadastro da família e o valor de indenização proposto na avaliação feita pelo técnico da CEHAB-RJ.

Nas negociações a que assisti, não presenciei um caso no qual a família de moradores ficasse satisfeita com o valor da indenização oferecido pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, através da CEHAB-RJ. Assisti, no entanto, a primeira das reuniões do processo de negociação entre as famílias e os técnicos, na qual dificilmente logo se chega a um acordo entre as partes. Diante da insatisfação demonstrada pelos moradores em relação ao valor

² Os nomes dos moradores citados nesse texto são fictícios, buscando com isso preservar a identidade dos interlocutores.

³ Companhia Estadual de Habitação e Obras, que no PAC 1 foi a instituição responsável pela realocação de recursos da indenização dos moradores e pelo seu remanejamento.

6 “Deus me livre! Vou rezar muito e pedir para não cair nesse Cantagalo”: negociações e conflitos em jogo no processo de implementação de políticas públicas em uma favela da cidade do Rio de Janeiro.

oferecido por sua casa nessa primeira reunião, equipe e moradores negociavam de acordo com a situação da casa em questão.

Nos casos em que a casa era considerada pelos técnicos como tendo uma boa metragem e uma estrutura-física de qualidade, o engenheiro orientava o morador insatisfeito a pedir uma revisão da avaliação que havia sido feita. Havia casos em que o morador insistia que a metragem da casa era bem maior e que os técnicos haviam “comido a metade da casa”. O engenheiro indicava que fariam outra visita na casa para uma nova medição e avaliação.

Alguns moradores, donos de casas grandes de dois ou mais andares, queriam uma indenização maior por elas, pois queriam comprar uma boa casa para a família no subúrbio da cidade. Quase todos, no entanto, negavam veementemente a possibilidade de sair da favela e ir morar em qualquer bairro distante dali. Como, em geral, o valor das indenizações oferecidas pelo Governo do Estado era baixo, a compra de outra casa na favela mostrava-se uma difícil opção. O preço dos imóveis ali era elevado e, com as obras que então se iniciavam, subiram ainda mais. Além dos altos preços, não há muita oferta de casas a venda ali, pois, segundo contam, “quem tem, não vende”. Os apartamentos construídos pela PAC apresentavam-se aos moradores, portanto, como a forma mais viável de ali permanecer.

Aqueles que possuíam uma “boa casa” tentavam negociar ressaltando o tamanho de suas casas, a qualidade do material e acabamentos utilizados na construção e, sobretudo a quantidade de núcleos domésticos que nela coabitava. Negociavam, pois, dependendo da situação, havia a possibilidade de conseguirem mais de um dos apartamentos construídos pelo PAC. Quando o engenheiro considerava a casa como pequena e de má estrutura-física, dizia, no entanto, que, nesse caso, não havia muito como negociar. Alegando que dificilmente o morador conseguiria um valor maior do que o oferecido por uma casa “naquelas condições”, o advogado da CEHAB aconselhava a família a aceitar logo um dos apartamentos que estavam sendo construídos pelo PAC no local.

Uma das famílias proprietárias de uma pequena casa no Pavão-Pavãozinho, ao ouvir a sugestão do advogado de aceitar um dos apartamentos do PAC, pediu mais informações. O filho perguntou sobre a localização dos apartamentos e o engenheiro respondeu que, até aquele momento, os prédios que já haviam sido aprovados para a construção pela Prefeitura seriam perto do Brizolão, no Cantagalo. Nesse momento, a mãe, uma senhora de aproximadamente 70 anos e moradora do Pavão-Pavãozinho desde os seus 16 anos, entrevistou de forma implacável: “Deus me livre! Vou rezar muito e pedir para eu não cair nesse Cantagalo! Já não me importo nem mais de sair minha casa, mas não quero sair da minha comunidade!”.

O engenheiro seguiu em sua fala tentando explicar: “Mas a senhora não vai sair da sua comunidade! O prédio será construído aqui mesmo no Complexo Pavão-Pavãozinho-Cantagalo!”. O filho procurou acalmar a mãe dizendo que ele também se negava a ter que ir morar no Cantagalo: “Eu não tenho nada para fazer aqui nesse Cantagalo! Eu não conheço

nada daqui. Não sei nem andar aqui direito! Para cá eu não venho!”. O advogado seguiu ressaltando que ir para os apartamento do PAC que seriam construídos no Cantagalo seria a melhor opção para eles permanecerem no “complexo”, uma vez que a casa deles “é muito ruim e ninguém pagará valor maior por ela”. O filho seguiu tentando explicar que Cantagalo e Pavão-Pavãozinho não são a mesma comunidade.

Essa e outras negociações desse dia tiveram a importante função de chamar atenção para o fato de que Estado e moradores apresentam percepções conflitantes em relação à forma como concebem e tratam o espaço em questão. O Estado, nesse caso representado pela equipe de negociação da CEHAB-RJ, percebe esse território como um todo integrado, coeso e uniforme: o “Complexo Pavão-Pavãozinho-Cantagalo”. Já os moradores concebem a existência de duas favelas vizinhas, porém distintas: o Cantagalo e o Pavão-Pavãozinho.

Essa foi a primeira vez que para mim ficou claro que “Cantagalo e Pavão-Pavãozinho não são a mesma coisa!”. Além desse embate de percepções sobre a forma como o Estado e moradores concebiam esse espaço, o evento conflitivo acima descrito revelava ainda a diferenciação e hostilidade que marca a relação estabelecida entre os moradores, sobretudo os antigos, dessas duas favelas vizinhas. Nesse momento inicial do trabalho de campo, as diferenciações e hostilidades entre os moradores do Pavão-Pavãozinho e os do Cantagalo estavam sendo, recorrentemente, evidenciadas nas reuniões deles com a equipe do PAC através de discussões entre eles.

Além disso, em ocasiões outras, os moradores, em suas narrativas, frequentemente, se apresentavam buscando ressaltar suas diferenças em relação aos da favela vizinha. Foi através de narrativas de rivalidade, disputas e hostilidades entre eles que esses moradores se apresentaram para mim e descreveram a relação existente entre as duas favelas. “Eles ficam para lá e nós para cá. Eu não gosto de lá e não sei nem andar lá direito. A gente não se dá com eles!”, diziam os moradores de uma das favelas em relação aos seus vizinhos. Era comum ouvir um discurso bem semelhante dos moradores da favela vizinha.

A situação acima narrada me permitiu, na ocasião, perceber que a trama articulada em torno da implementação dessa política pública era bem complexa e não podia ser resumida a simples polarização: Estado X moradores. Além desse embate de percepções sobre a forma como o Estado e moradores concebem esse espaço, o evento conflitivo acima descrito revelou ainda a diferenciação e hostilidade que marca a relação estabelecida entre os moradores, sobretudo os antigos, dessas duas favelas vizinhas. Nesses contatos iniciais foi através da regra Cantagalo X Pavão-Pavãozinho, que esses moradores apresentaram a relação existente entre eles. Nesse momento inicial do trabalho de campo, tal percepção já apontava para a necessidade da problematização de categorias como “moradores”, “comunidade” e “Complexo Pavão-Pavãozinho-Cantagalo” pelo fato de sugerirem a existência de grupos ou todos coesos, integrados e unívocos.

Sobre as políticas públicas em questão e o “Complexo Pavão-Pavãozinho-

8 “Deus me livre! Vou rezar muito e pedir para não cair nesse Cantagalo”: negociações e conflitos em jogo no processo de implementação de políticas públicas em uma favela da cidade do Rio de Janeiro.

Cantagalo”.

Desde o início do século XX, quando do surgimento das primeiras favelas na cidade do Rio de Janeiro, diversas foram as representações sociais sobre elas que orientaram as ações do poder público em sua direção. As favelas foram consideradas, no início do século, um problema estético e de saúde pública para a cidade do Rio de Janeiro, então, ilustre capital da República. Nas décadas de 1960 e 1970, as favelas são percebidas e tratadas como “aglomerações patológicas”⁴ que deveriam ser banidas da pitoresca paisagem carioca. Nesse período, grande parte da população favelada, especialmente a de favelas localizadas na área nobre (Zona Sul) da cidade, foi removida para os conjuntos habitacionais distantes do centro da cidade, que eram financiados pelo BNH (Banco Nacional de Habitação) e comercializados pela COHAB. Em um período de 12 anos a operação erradicou 80 favelas, demoliu 26.193 barracos e removeu 139.218 pessoas. (VALLADARES, 2005: 130)

Progressivamente, a partir da década de 1980, faz-se presente uma nova orientação política em relação às favelas, na qual a proposta de remoção em massa não é mais aceita como solução. Ao propor a regularização fundiária e a urbanização das mesmas, o programa “Cada família, um lote” do Governador Leonel Brizola (1983-6) marca a ruptura com o paradigma das remoções, inaugurando um outro: o da “integração” à cidade dita “formal”. O “Complexo Pavão-Pavãozinho-Cantagalo” foi palco privilegiado do início da atuação das políticas públicas visando a “integração”, tendo recebido programas como “Cada família um lote”, do governador Brizola (1983) e “Favela-Bairro”, do prefeito César Maia (1993).

Desde fins de 2007, o chamado “Complexo Pavão-Pavãozinho-Cantagalo”, assim como outras favelas da cidade do Rio de Janeiro, vem sendo palco da intervenção de algumas importantes políticas públicas atuais. Num contexto de preparação da cidade para sediar megaeventos internacionais como a Copa do Mundo em 2014 e Olimpíadas em 2016, a resolução do “problema favela” tornou-se foco de uma série de iniciativas do poder público. De uma maneira geral, partindo do pressuposto de que as favelas são isoladas e autônomas, a perspectiva dessas políticas públicas é a de que as favelas devem ser integradas à cidade dita formal. A intervenção pela qual o “Complexo Pavão-Pavãozinho-Cantagalo” vem passando engloba as obras de infraestrutura e reurbanização do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), a instalação de uma UPP (Unidade de Polícia Pacificadora) e ainda o processo de regularização urbanística e fundiária. Esse “pacote” de urbanização conjugado com a militarização foi chamado por Cavalcanti (2013) de “PACificação”.

⁴ Tal termo é utilizado por Perlman para descrever o ponto de vista dominante na época sobre favelas. Segundo ela, a favela era vista como “uma aglomeração desordenada de vagabundos, desempregados, mulheres e crianças abandonadas, ladrões, bêbados e prostitutas (...) que econômica e socialmente constituem um dreno. Os favelados mantêm-se à parte e o melhor seria que não existissem mais.” (PERLMAN, 2002: 42)

O PAC⁵ foi oficialmente lançado no “Complexo Pavão-Pavãozinho-Cantagalo” com a presença do ex-presidente da República – Luís Inácio da Silva – e outras autoridades em novembro de 2007. Desde então, foram construídos pelo PAC no Cantagalo um elevador panorâmico e dois prédios para, em suas unidades habitacionais, realocar moradores, tanto do Pavão-Pavãozinho como do Cantagalo, que tiveram que deixar suas casas devido às obras físicas que envolvem, por exemplo, alargamento de ruas e construção de praças. Ao longo desse período de atuação do PAC, houve também investimentos em “acessibilidade”, recapeamento de ruas e na rede de esgotamento sanitário e água. Muitas das metas propostas no projeto inicial, no entanto, não foram concluídas ao fim de 2009, tal como previsto no projeto inicial, PAC 1. As obras foram retomadas em fins de 2011, quando o chamado “PAC 2”, além de dar início ao processo de remanejamento de famílias para alargamento de ruas no Cantagalo (Custódio Mesquita) e no Pavão-Pavãozinho (Avenida Pavãozinho), anunciou também o início da construção de mais algumas unidades habitacionais, dessa vez no Pavão-Pavãozinho.

Além do PAC, em novembro de 2009, nessas favelas foi instalada uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP). As UPPs fazem parte da atual política do Governo do Estado do Rio de Janeiro e tem como objetivo anunciado a “recuperação” desses territórios, através do fim do controle armado ali exercido pelos narcotraficantes. Tal política não se apresenta como uma solução que extinguirá o narcotráfico, mas sim anuncia buscar controlar o armamento ostensivo dos narcotraficantes e seu, conseqüente, domínio sobre esses territórios. A chamada “pacificação” é frequentemente apresentada ressaltando-se uma radical mudança de orientação na atuação da polícia, isto é, passando-se de um “policiamento de confronto” para um “policiamento comunitário” ou de “proximidade”⁶.

Em 30 de novembro de 2009, o BOPE “invadiu” o “Complexo Pavão-Pavãozinho-Cantagalo” e, um mês depois, foi ali instalada uma base da chamada “Unidade de Polícia Pacificadora Pavão-Pavãozinho/Cantagalo”⁷. Desde que a UPP foi instalada no

⁵ O PAC é uma política pública do Governo Federal implementada em nível nacional, mas que se orienta localmente de acordo com as especificidades das diferentes regiões nas quais está atuando e caracteriza-se, portanto, como uma política pública “semi-focada”. No Rio de Janeiro, entre outras ações, o PAC selecionou, algumas favelas a serem contempladas com verbas do setor de infraestrutura social e urbana do programa do PAC-RJ, que é uma união de forças entre o Governo Federal, Governo do Estado do Rio de Janeiro, Ministério das Cidades e da Caixa Econômica Federal.

⁶ O Cantagalo e o Pavão-Pavãozinho já haviam tido uma experiência no ano de 2003 de “policiamento comunitário”, quando ali atuou a GEPAE (Grupamento de Policiamento em Áreas Especiais). Para mais sobre a atuação desse policiamento e a percepção dos moradores dessas duas favelas, ver Cardoso 2010.

⁷ Essa unidade foi a quinta UPP da cidade e a terceira implantada na Zona Sul do Rio, formando, junto com a UPP Santa Marta e a UPP Babilônia/Chapéu Mangueira “um novo corredor de segurança ao longo da orla, do Leme à praia de Ipanema”. No presente momento, já são cerca de 20 UPPs distribuídas por áreas da cidade estrategicamente escolhidas pelo poder público, como a turística Zona Sul com sua orla repleta de luxuosos hotéis e, como já foi dito, as áreas adjacentes aos locais importantes para os “grandes eventos” que a cidade sediará.

10 **“Deus me livre! Vou rezar muito e pedir para não cair nesse Cantagalo”:
negociações e conflitos em jogo no processo de implementação de políticas
públicas em uma favela da cidade do Rio de Janeiro.**

“Complexo Pavão-Pavãozinho-Cantagalo”, moradores e policiais (atores que historicamente mantém uma relação conflituosa) passam a conviver cotidianamente no mesmo território. Para além disso, agentes da UPP passam a atuar não mais apenas em atividades de repressão ao crime, mas também em atividades relacionadas a diversas esferas da vida social do lugar, tal como a esportiva, a cultural e ainda a política. Apesar de uma notável diminuição dos antigos índices de homicídio nessas favelas e na cidade em geral⁸, algumas questões como a participação policial em diversas esferas da vida social desses moradores devem ser consideradas nesse debate⁹.

Apesar de localizar-se em uma das mais nobres áreas da cidade e de há tempos ter sido contemplada por políticas públicas de urbanização e reurbanização de favelas, grande ainda é a pobreza em certas partes das favelas, bem como a precariedade dos serviços e equipamentos urbanos disponíveis a seus moradores, destacando-se, assim, a maneira específica através da qual o Estado se relaciona com essas áreas da cidade. O chamado “Complexo Pavão-Pavãozinho-Cantagalo” localiza-se entre três dos mais nobres bairros da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro – Copacabana, Ipanema e Lagoa – e abriga uma população de aproximadamente 10.132 habitantes¹⁰.

Por trás do chamado “Complexo Pavão-Pavãozinho-Cantagalo”, do ponto de vista dos moradores, existem duas favelas vizinhas, porém distintas: o Cantagalo e o Pavão-Pavãozinho. As favelas ocupam o mesmo terreno rochoso, o chamado morro do Cantagalo, mas seus moradores, não concebem esse território como um todo indiferenciado, amorfo e uniforme. O principal acesso ao Cantagalo se dá pelo bairro de Ipanema e ao Pavão-Pavãozinho pelo bairro vizinho de Copacabana.

Frequentemente, os moradores, através de suas narrativas, reforçam rivalidades e disputas, construindo e reforçando, assim, suas identidades em oposição aos seus vizinhos. Com o desenvolvimento do trabalho de campo, aos poucos vem se percebendo, no entanto, que a dinâmica da relação estabelecida é mais complexa do que pode parecer a princípio, pois pode envolver também momentos de trégua e articulação entre esses moradores. Apesar da existência dessa possibilidade de fusão entre esses moradores em algumas situações sociais, a relação predominantemente marcada entre eles é a de diferenciação e

⁸ No bairro de Copacabana, “O resultado foi uma queda de 84% das mortes violentas, de 25 vítimas em 2009, ano da primeira unidade, para quatro nos últimos 12 meses” (<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/06/02/sem-upp-suburbio-do-rio-tem-taxa-de-homicidio-20-vezes-maior-do-que-area-pacificada.htm>)

⁹ Mais sobre os impactos no cotidiano dos moradores causados pela UPP e regularização urbanística ver Cunha&Mello (2011) e sobre as interferências na vida associativa ver Fleury (2013); Rodrigues et al. (2012) e Araujo Silva (2013).

¹⁰ Tal estimativa é fornecida pelo próprio material de divulgação do PAC nessa favela e baseado no cadastramento realizado pela “equipe de trabalho social” junto à população local no último trimestre de 2007. Segundo os dados do Censo IBGE, em 2000, o Cantagalo possuía 3884 moradores e o Pavão-Pavãozinho, 4.256.

rivalidade.

O princípio da antiguidade como critério de diferenciação social nas relações de poder atuais.

Através de entrevistas abertas realizadas com antigos moradores e da utilização da técnica da história de vida foi possível entender a origem de várias rivalidades e disputas que vinham sendo frequentemente reveladas nas reuniões comunitárias que eu estava acompanhando. Apesar das disputas e discordâncias que aparecem nas narrativas dos antigos moradores sobre a história do lugar, há um consenso em relação ao fato de que a ocupação teve início pela encosta do Cantagalo e que, somente após algum tempo, expandiu-se pelo morro vizinho, dando origem ao Pavão e depois ao Pavãozinho. A resposta de Mário, um morador de 62 anos nascido no Cantagalo, à minha pergunta provocadora indica bem a importância que atribuem ao fato da ocupação ter ali se iniciado. Ao ser perguntado se quando o Cantagalo surgiu o Pavão-Pavãozinho já existia, ele afirma o seguinte:

“Não! Aí que é a diferença. Cantagalo é primeiro! Se você pegar o mapa do Estado da Guanabara você vai ver a pedra como Morro do Cantagalo. O corte da pedra aqui atrás é corte do Cantagalo. Aquilo lá (Pavão-Pavãozinho) aconteceu, né? Foi expandido depois, mas aqui (Cantagalo) é primeiro. Foi expandido, criaram uma associação lá e hoje em dia eles querem botar o complexo como Pavão-Pavãozinho-Cantagalo. Não é! A verdade é Cantagalo-Pavão-Pavãozinho. O primeiro a existir aqui se chama Cantagalo. A ocupação começou por aqui (Cantagalo)! Lá (Pavão-Pavãozinho) foi desenvolvendo depois. Tanto é assim que eles lá ocuparam a pedra para cima. Isso é uma coisa que eu morro de raiva quando fala Complexo Pavão-Pavãozinho-Cantagalo, porque não está sendo verdadeiro com a história.”

A informação sobre o pioneirismo dos moradores do Cantagalo na ocupação do lugar aparece também na pesquisa realizada por CARDOSO (2010: p.67):

“Os primeiros registros apontam que durante o ano de 1907 já havia barracos no morro do Cantagalo sugerindo que a presença de residências no local é anterior a essa data (SETH, 1985). Anos após o primeiro registro público que apontava a ocupação no morro do Cantagalo, durante a década de 1920, foram identificados 16 barracos no morro do Pavão (Guimarães, 1953)”.

A fim de marcarem sua singularidade em relação à favela vizinha, além de ressaltarem que foram os primeiros a chegar, os moradores mais antigos do Cantagalo destacam ainda que, ao longo das décadas, preservaram a favela “fechada” em relação à “gente de fora”. Em suas narrativas contam que, evitando o aluguel e a venda de suas casas para “gente de fora”, preservaram a sua origem: negros vindos de Minas Gerais e do interior do Rio de Janeiro.

12 “Deus me livre! Vou rezar muito e pedir para não cair nesse Cantagalo”: negociações e conflitos em jogo no processo de implementação de políticas públicas em uma favela da cidade do Rio de Janeiro.

O início da ocupação dos dois morros vizinhos deu-se com a chegada de trabalhadores negros de cidades do interior do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, que vinham em busca de oportunidades de emprego em casas de família e na construção civil nos então nascentes bairros de Ipanema e Copacabana. Tais migrantes começaram a ocupação pelo Cantagalo, mas, poucas décadas depois, já ocupavam também a encosta vizinha do Pavão. Com o passar das décadas, no entanto, o Pavão passou a receber um forte fluxo de migrantes do Nordeste do país; o Cantagalo, segundo eles fazem questão de ressaltar, permaneceu em sua maioria ocupado pela população original e seus descendentes. Com a chegada dos nordestinos, a partir da década de 1950, aos poucos, o Pavão foi se expandindo em direção ao Cantagalo, dando origem ao Pavãozinho, que se localiza entre as duas favelas.

Segundo Cardoso, o Pavão-Pavãozinho tornou-se um centro de apoio ao migrante nordestino e, a partir de 1950, esse processo se intensifica gerando adensamento e verticalização das construções. Em suas palavras: “Durante os anos de 1950, contavam-se 1.460 habitantes. Durante a década de 1970, a população local foi contabilizada em 3.000 pessoas (IPLANRIO, 1981) e, posteriormente, já nos anos de 1990 a população local é estimada, de forma imprecisa, entre 10 mil e 15 mil pessoas” (CARDOSO, 2010: p.81).

O fato de terem sido os primeiros a ali chegar e de terem mantido a favela basicamente ocupada pelas mesmas famílias confere, atualmente, aos antigos moradores do Cantagalo, uma espécie de sentimento de diferenciação ou superioridade nas relações de poder local em relação aos seus vizinhos. Nas palavras de Cláudio morador de 50 anos nascido no Cantagalo:

“A questão é que o Cantagalo é um morro que é família. É coisa hereditária nossa. É uma raça diferente do Pavão-Pavãozinho, que já é mais imigrante, que vieram de fora e ocuparam lá, entendeu? O Cantagalo, onde aqueles mais antigos foram falecendo, que eram os nossos pais e ficou só família, parente mesmo. Nós... nascemos cariocas! Então, ficou uma geração só de moradores daqui. Geração de cariocas. Lá (Pavão-Pavãozinho) não. Lá, já foi assim... local imigrado”.

Marcando sua identidade de carioca em oposição aos seus vizinhos nordestinos, em suas narrativas, os moradores do Cantagalo apresentam a si mesmos como “cria do morro” ou “raiz”, uma vez que seus moradores permaneceram em sua maioria como membros das antigas famílias ali estabelecidas. Enquanto isso, o Pavão-Pavãozinho passa a receber mais e mais migrantes do Nordeste do país e as famílias antigas de negros tornaram-se minoria em meio aos nordestinos; ganham, assim, por parte de moradores do Cantagalo, a pejorativa acusação de “reduto dos paraíbas”¹¹.

É comum ouvir moradores do Cantagalo atribuírem a ocupação do Pavão

¹¹ A categoria “paraíba” é utilizada pelos moradores do Rio de Janeiro como referência, de forma pejorativa, a todos os migrantes da região nordeste do país.

exclusivamente aos nordestinos, esquecendo-se que, no início, negros de Minas Gerais e do interior do Rio de Janeiro também ocuparam a encosta do Pavão. Tal esquecimento causa profunda indignação aos poucos moradores antigos negros que ali vivem e que fazem questão de ressaltar sua origem, diferenciando-se dos nordestinos. Tais antigos moradores tornaram-se invisíveis em meio ao grande fluxo de nordestinos que o Pavão-Pavãozinho recebeu, sobretudo a partir de 1980, e que fez com que o local passasse a ser diretamente associado apenas aos nordestinos, perdendo, assim, poder e prestígio na “balança” das relações de poder local. Segundo Mário, morador de 62 anos nascido no Cantagalo:

“Vamos dizer, se for falar assim bem educadamente: são duas culturas diferentes. São bem diferentes porque aqui (Cantagalo) é mais família. Se você olhar, fulano é filho de ciclano e ciclano é primo de fulano que casou com ciclano. Aqui sempre há esse laço. Lá (Pavão-Pavãozinho) já é uma população muito flutuante. É uma população de pessoa que vem aluga, vai e volta. Não tem essa raiz igual tem aqui no Cantagalo. Lá sobrou muito pouco das famílias antigas. Antigo mesmo ai no Pavão, se você for ver mesmo, se muito tiver, tem umas 100 famílias. O resto tudo são pessoas recentes”.

Os moradores antigos do Cantagalo reivindicam para si o título de “morador raiz” ou “cria do morro”. Por oposição, tais moradores classificam pejorativamente seus vizinhos como “filhos do vento”, justamente por serem “de fora”, por não terem ali nascido ou não serem descendente de famílias antigas no lugar. Frequentemente, os moradores do Cantagalo falam sobre seus vizinhos: “Eles vieram com o vento!”. A ideia passada é a de que vieram não se sabe como e que, assim como vieram, também podem ir embora a qualquer momento.

Segundo Cláudio, morador de 50 anos nascido no Cantagalo, anteriormente citado: “Lá é muito nordestino. Que vieram de lá recente, estão sempre vindo, entendeu? Aí faz seu pezinho de meia, aí vai embora. Daí depois volta e já traz outros. Pavão-Pavãozinho é assim. Já aqui, o pessoal não quer sair daqui. Não sai. Aqui (Cantagalo) é tudo cria do morro”.

O desejo de permanência dos filhos daqueles que habitaram o Cantagalo é responsável pela principal característica local valorizada pelos moradores. Um dos principais critérios de diferenciação que aparece nas narrativas dos antigos é o “caráter comunitário” do Cantagalo que é, frequentemente, por eles descrito como sendo “tudo família”. Insistem ainda em ressaltar que ali é muito difícil alugar ou vender casa para “gente de fora”, pois a preferência é sempre dada aos filhos e parentes dos antigos moradores locais. Os moradores do Cantagalo orgulham-se disso e estão sempre destacando esse aspecto. Os poucos moradores antigos do Pavão-Pavãozinho também reconhecem que o Cantagalo permaneceu “fechado” aos migrantes nordestinos. Nas palavras de Seu Carlos, de 82 anos, migrante negro de Minas Gerais e desde os 16 no Pavão-Pavãozinho:

“Eu não convivia lá no Cantagalo não, mas o que eu sei é que eles não gostavam desse pessoal nordestino lá. Não gostavam mesmo. O que eu sei é

**14 “Deus me livre! Vou rezar muito e pedir para não cair nesse Cantagalo”:
negociações e conflitos em jogo no processo de implementação de políticas
públicas em uma favela da cidade do Rio de Janeiro.**

isso! Aquele negócio lá (Cantagalo) era só pessoal da cor. Eles não queriam os paraíbas lá!”.

Na presente situação, assim como no paradigmático caso de Winston Parva¹², o princípio da antiguidade dá o tom à dinâmica organizacional desses moradores. O fato de no Cantagalo a maioria das famílias residir há no mínimo três gerações faz com que esses moradores definam a relação existente entre eles como sendo pautada em uma maior coesão social ou “laço”, tal como se refere o morador anteriormente citado. A antiguidade no lugar faz ainda com que essas famílias se percebam e se definam como possuidoras de estreitos vínculos não apenas entre si, mas também em relação ao território onde residem. Essa percepção em relação à coesão do grupo e suas relações com o território não é algo apenas que os moradores do Cantagalo reivindicam para si, mas que também é assim reconhecida por moradores antigos do Pavão-Pavãozinho. Assim, nas palavras de Custódio, negro, 65 anos, nascido no Pavão-Pavãozinho e de família de Minas Gerais:

“Eles lá são muito unidos. Você mexe com um, aparecem 20! E eles lutam mesmo pelo que querem para a comunidade. Eles são aguerridos. Se eu tivesse uma Associação de Moradores ou voltasse para a escola de samba, eu ia querer trabalhar com pessoas do Galo. Eles são fogo! Você pode ver, em qualquer reunião sempre tem mais gente do Galo e eles se colocam... falam mesmo! Tanto que você pode ver que eles lá estão bem mais adiantados assim na urbanização. Tudo acontece primeiro lá e nós aqui ficamos esquecidos.”

Os moradores do Cantagalo se descrevem e são conhecidos por estarem sempre participando articuladamente e reivindicando diante das políticas públicas que ali são implementadas. A explicação dada por eles para o atual “avanço” do Cantagalo em relação ao Pavão-Pavãozinho em termos de urbanização, equipamentos urbanos e prestação de serviços é o fato de se conhecerem há muitos anos e, assim, conseguirem se articular melhor politicamente e expor suas demandas, assegurando de forma mais eficaz seus objetivos. De alguma maneira, por terem sido os primeiros a chegar, os moradores do Cantagalo sentem-se como os legítimos possuidores de direitos e tal sentimento é explicitado através da máxima, frequentemente por eles acionada: “Antiguidade é posto!”.

O Pavão-Pavãozinho, que no passado mantinha uma acirrada disputa através de times de futebol e blocos carnavalescos com o Cantagalo, com a intensificação da migração nordestina a partir de 1950 e sobretudo 1980, acabou ficando conhecido como o “reduto dos paraíbas” e perdendo força nas relações entre as duas favelas. Apesar de muitos nordestinos

¹² No caso de Winston Parva há uma separação entre dois grupos, que não se distinguem do ponto de vista econômico, de origem étnica e nem profissionalmente. A separação e diferenciação entre os dois grupos está baseada no “princípio da antiguidade” que alimenta a coesão social através de tradicionais redes de solidariedade existentes entre os antigos; excluindo os moradores mais recentes, a quem consideram “de fora”. Mais sobre o princípio da antiguidade que fundamenta as relações de poder em Winston Parva ver Elias & Scotson (1994).

serem de famílias que ali estão há duas ou três gerações, os “paraíbas” são, frequentemente, considerados “de fora” ou “estrangeiros”¹³ pelos moradores antigos dos dois morros vizinhos. A eles é atribuída uma falta de identidade com o lugar e com suas questões, sejam elas de ordem política, cultural ou outra.

Em geral, nos dias atuais, quando se fala em Pavão-Pavãozinho, é comum esquecer-se dos negros de Minas Gerais e falar do lugar como local ocupado apenas por nordestinos. Nas palavras de Mário, morador de 62 anos nascido no Cantagalo:

“Lá (Pavão-Pavãozinho) é mais cearense, que é outra raça. Nós que somos daqui, consideramos o cearense outra raça. Eles são os judeus brasileiros, porque eles são muito um junto com o outro. Um ajuda o outro. O que é uma coisa que eu admiro. Chega um cearense, já faz em cima e já manda chamar a família e vai trazendo outro. São muito unidos. Mas eles não têm identidade com a comunidade. Para eles tanto faz. Eles têm lá a sociedade deles na questão do local onde nasceram, mas não com a comunidade. O que é diferente daqui, porque aqui todos têm identidade com o lugar”.

Tais acusações aos “paraíbas” não são feitas apenas pelos moradores do Cantagalo, mas também pelos poucos antigos que sobraram no Pavão-Pavãozinho. É comum que os antigos do Pavão-Pavãozinho atribuam aos “paraíbas” todos os problemas dessa favela como, por exemplo, o do lixo jogado nas ruas.

A troca de acusações e a rivalidade são uma constante nas relações que envolvem os moradores antigos do Cantagalo e do Pavão-Pavãozinho e os nordestinos. Nesse intenso fluxo de trocas de acusações mútuas, os moradores antigos do Cantagalo e do Pavão-Pavãozinho são também classificados depreciativamente pelos nordestinos. Os nordestinos, frequentemente, reivindicam para si a identidade de trabalhadores esforçados e bem sucedidos e, por oposição, atribuem aos moradores antigos a pecha de “malandros” ou pouco “chegados ao trabalho”. Com frequência, os nordestinos atribuem aos negros do lugar a fama de vagabundos, ligados ao tráfico e que, ao invés de se dedicar ao trabalho árduo,

¹³ A condição dos nordestinos nesse grupo, guardadas as devidas diferenciações, remete à clássica discussão de Simmel (1983) sobre o “estrangeiro”. O autor ressalta que eles são “inimigos internos”, pois, por um lado, têm uma posição de membros do grupo, mas, por outro, estão fora dele e o confrontam. Sua posição no grupo é determinada por ele não ter pertencido a ele desde o início. Assim como o nordestino em questão, o estrangeiro de Simmel não é o viajante que chega hoje e parte amanhã, mas sim aquele que fica. Apesar de ficar, no entanto, ele tem a característica do “viajante potencial”, isto é, mesmo não tendo partido não superou a liberdade de ir e vir. Apesar de não estar organicamente anexado ao grupo, é um membro orgânico do grupo. O autor fala ainda da objetividade do estrangeiro que pode também ser pensada como liberdade, uma vez que ele não está amarrado a nenhum compromisso que poderia prejudicar a sua percepção. Ele é mais livre prática e teoricamente, porque examina as condições com menos preconceito e não está amarrado à sua ação pelo hábito. Nada disso deve ser considerado, segundo Simmel, como falta de compromisso, mas sim uma forma específica de compromisso.

**16 “Deus me livre! Vou rezar muito e pedir para não cair nesse Cantagalo”:
negociações e conflitos em jogo no processo de implementação de políticas
públicas em uma favela da cidade do Rio de Janeiro.**

estariam envolvidos em atividades recreativas como praia, pagode, samba e baile funk.

Na dinâmica local, no entanto, assim como na fictícia Winston Parva, os termos estigmatizantes acionados pelos considerados “de fora” não chegam a representar uma ameaça, uma vez que, segundo ELIAS & SCOTSON (2001: p.27): “Enquanto o equilíbrio de poder entre eles é muito desigual, seus termos estigmatizantes não significam nada, não tem poder de feri-los”. As acusações dos nordestinos não abalam o sentimento de superioridade dos antigos ou “crias do morro”.

A identidade dos grupos e os vínculos com o território no passado.

Para além da atual rivalidade entre antigos e novos moradores ou “de dentro” e “de fora”, há também a estabelecida historicamente entre os antigos das duas favelas. No passado, os moradores antigos das duas favelas, rivalizavam, por exemplo, através de blocos carnavalescos e times de futebol, explicitando e reforçando os vínculos entre cada favela e com o seu território. Até a década de 1980, o Cantagalo não tinha o domínio nas relações de poder local e o Pavão-Pavãozinho ainda não era o difamado “reduto dos paraibas”. Segundo conta Custódio, morador de 65 anos, nascido no Pavão-Pavãozinho:

“Pavão-Pavãozinho sempre sobressaiu sobre o Cantagalo. Ganhávamos futebol, samba e tinha mais investimento na época Brizola. Aqui era favela modelo! Só perdemos o posto quando o papa veio ao Rio e foi visitar o Vidigal. Lá (Cantagalo) não estava com nada. Lá era atrasado”.

A partir das narrativas individuais dos antigos moradores foi possível chegar à história de algumas importantes organizações da vida associativa local, tal como o futebol e o carnaval. Essas organizações de caráter recreativo serão aqui tomadas também como atividades políticas, uma vez que também envolvem conflitos e competições pelo poder. Segundo ZALUAR (2000: 189) sobre as agremiações carnavalescas: “O conflito entre as pessoas, as facções e os grupos não organizados, com suas tramas de alianças, coalizões e divisões, com sua legitimidade advinda de regulamento ou do costume, torna o processo político nessas organizações muito rico e dinâmico”.

A disputa entre esses moradores de favelas vizinhas fortalecia a identidade e coesão social de cada grupo e a relação com seu território. No passado, no futebol de areia jogado nas areias de Ipanema e Copacabana e apelidado “Sangue na Areia”, os antigos moradores do Cantagalo e do Pavão-Pavãozinho se enfrentavam, disputando cada partida como uma final de campeonato. É interessante ressaltar, no entanto, que no caso dos dois times estarem participando de uma competição em outra área da cidade e algum deles se desentender com um terceiro time, Pavão-Pavãozinho e Cantagalo se uniam contra o mesmo. No caso de um “inimigo externo”, um dava suporte ao outro, colocando em segundo plano a habitual rivalidade.

Esse padrão de relacionamento estabelecido entre os moradores dessas duas favelas parecia orientar também a forma como se relacionavam com os bairros vizinhos (Ipanema e Copacabana) em que cada uma das duas favelas está localizada. A mesma relação de pertencimento que os antigos mantinham com o território de sua favela, se estendia morro abaixo pelo bairro. Assim, por exemplo, um morador do Cantagalo, localizado em Ipanema, não poderia fazer a “xepa”¹⁴ na feira da Leopoldo Miguez, em Copacabana, onde se localiza o Pavão-Pavãozinho. Dentro dessa perspectiva, o morador do Pavão-Pavãozinho também não podia oferecer seu serviço de engraxate de sapatos no vizinho bairro de Ipanema.

A relação de rivalidade entre vizinhos e o fortalecimento dos vínculos entre si e com o seu território também se refletiam na disputa dos antigos moradores, de cada uma das duas favelas, nos blocos de carnaval. O bloco do Cantagalo chamava-se Unidos do Cantagalo e tinha como cores o azul e branco e como símbolo um galo. O bloco do Pavão era chamado Império do Pavão e tinha como cores o verde e branco e como símbolos o Zé Carioca e o calçadão de Copacabana. Havia ainda um terceiro bloco que representava o Pavãozinho em específico chamado Independentes do Pavãozinho com cores verde e rosa, mas que, após alguns carnavais, acabou se unindo ao bloco do Pavão e formando um único: Unidos do Pavão. Pavão e Pavãozinho juntos e representados pelo Unidos do Pavão passaram então a disputar os títulos carnavalescos com o Cantagalo.

Samba no Cantagalo, o morador do Pavão-Pavãozinho, via de regra, não frequentava. É importante ressaltar, no entanto, que apesar dos antigos recordarem e sempre ressaltarem essa rivalidade, em alguns momentos de suas narrativas, aparecem também os momentos de trégua ou integração entre os moradores das duas favelas. Assim, era regra que um não frequentasse o samba e os bailes da outra favela, mas, quando havia a presença de algum cantor especial ou banda de fora, tal regra era quebrada e moradores do Cantagalo, por exemplo, iam para o Pavão-Pavãozinho em busca de diversão.

As disputas entre times de futebol e blocos carnavalescos eram, portanto, passíveis também de momentos de articulação e trégua como, por exemplo, nas situações já descritas. A rivalidade e as disputas era o que animava ou dava sentido à vida associativa de cada uma das duas favelas, mas era ainda perpassada por algumas situações sociais diante das quais esses moradores se aproximavam e se integravam. Assim, a identidade dos moradores de uma se definia em oposição à outra e, assim, além do movimento de separação ou cisão, havia também complementariedade e integração na dinâmica organizacional dos moradores dessas duas favelas.

Tal dinâmica remete, guardadas as mediações necessárias, ao princípio da relatividade estrutural elaborado pelo clássico estudo de Evans-Pritchard (2002 [1940]) para descrever a relação entre as tribos adjacentes dos Nuer e dos Dinka. O autor descreve a

¹⁴ Xepa é o termo utilizado para definir o momento final de uma feira (legumes e verduras), no qual os feirantes numa espécie de liquidação abaixam de maneira considerável o preço das mercadorias que restaram de suas vendas. Em alguns casos, mercadorias já danificadas são deixadas para trás pelos feirantes e catadas por alguns.

18 **“Deus me livre! Vou rezar muito e pedir para não cair nesse Cantagalo”:
negociações e conflitos em jogo no processo de implementação de políticas
públicas em uma favela da cidade do Rio de Janeiro.**

relação de oposição mútua entre os Nuer, mas também a de oposição comum deles frente aos Dinkas, que os ladeiam. O trabalho coloca em destaque um sistema onde seções tribais lutam entre si e, em outro momento, unem-se e lutam contra uma terceira parte; ressaltando que a ideia de “ser de” (ceing) algum lugar é estruturalmente relativa e depende do contexto em questão. A pertença e, conseqüentemente, a não pertença são estruturalmente relativas.

O movimento do tráfico de drogas nessas favelas, quando ali começou a atuar, parece ter-se estabelecido orientando-se através desse esquema referencial da rivalidade entre Cantagalo e Pavão-Pavãozinho. Nas décadas de 1970 e 1980, traficantes que eram de famílias dessas duas favelas rivalizavam entre si e começaram, então, a intensificar ou dar novos contornos a essa antiga relação estabelecida e cultivada entre esses moradores. As narrativas dos moradores indicam que, nessa época, o que antes era apenas um hábito ou costume de não circular ou frequentar a favela vizinha, aos poucos, foi-se tornando um imperativo da “bandidagem” que ali se estabelecia.

Os traficantes de famílias locais parecem ter seguido esse esquema referencial da rivalidade Pavão-Pavãozinho vs. Cantagalo; articulando-se em quadrilhas rivais, porém acirrando-o cada vez mais com tiroteios frequentes entre os dois lados e a proibição da circulação dos moradores entre as duas favelas. O que antes era uma “rivalidade saudável” que, de alguma forma, parecia animar e dar sentido à vida dos blocos carnavalescos e times de futebol locais tornou-se uma violenta disputa da “bandidagem” local por pontos de vendas de drogas. Durante esse período, moradores em geral foram proibidos de passar pela região conhecida como “virada”, espaço limítrofe entre as duas favelas vizinhas.

Algum tempo depois, já na década de 1990, o Comando Vermelho¹⁵ assume o domínio do tráfico de drogas no Pavão-Pavãozinho, tomando o poder do antigo bandido local. Após tal entrada, passado algum tempo e muita guerra, o “Comando” assumiu também o controle do tráfico no Cantagalo. Não eram mais então famílias das duas favelas que rivalizavam em uma violenta disputa entre os dois lados, mas sim o “Comando” e toda sua estrutura (com armamento financiado pelo início da venda de cocaína e homens “de fora” da favela) que assumiam o monopólio do tráfico em ambas as favelas. Às práticas e à dinâmica local desses moradores, sobrepujaram-se as ordens do “Comando”. A orientação do Comando Vermelho era no sentido de unificar as duas favelas não apenas do ponto de vista das bocas de fumo, mas também em aspectos de sua vida social. A proibição dos antigos

¹⁵ O Comando Vermelho é uma organização (facção de drogas) nascida em fins da década de 1979 no presídio Cândido Mendes em Ilha Grande, Rio de Janeiro. Muito se discute sobre a influência exercida pelos presos políticos sobre os prisioneiros comuns dentro desse presídio, mas é geralmente aceito que esses aprenderam algumas noções de organização de grupos e reciprocidade com os presos políticos que ali estavam. Segundo Dowdney, já em fins de 80, o Comando Vermelho se expande e com a entrada da cocaína no varejo de drogas da cidade: “*Quadrilhas hierarquicamente estruturadas foram implantadas nas favelas para defender pontos de vendas e as comunidades vizinhas contra invasões policiais ou ataques de “neutros”*”. (DOWDNEY, 2004: 33)

traficantes das quadrilhas locais de que os moradores não passassem de um lado ao outro foi, então, suspensa.

Devido às mudanças na estrutura do carnaval da cidade como um todo e às antigas disputas entre os antigos traficantes locais, os blocos carnavalescos das duas favelas ficaram por aproximadamente cinco anos sem desfilar. Em junho de 1992, no entanto, as diretorias dos dois antigos blocos rivais se unem e fundam uma única escola de samba: “Grêmio Recreativo Escola de Samba Alegria da Zona Sul”. As narrativas de antigos moradores ligados aos blocos carnavalescos das duas favelas indicam que o Comando Vermelho teria orientado a junção dos dois antigos blocos. Interessa aqui ressaltar que os dois blocos rivais se uniram e se transformaram numa única Escola de Samba, mas não sem que as disputas entre as duas favelas continuassem presentes em detalhes da história da fundação de tal escola.

Conforme conta Custódio, morador de 65 anos, nascido no Pavão-Pavãozinho e importante articulador da fundação da escola, para conseguir trazer o samba de volta para a comunidade, a alternativa disponível era promover a transformação dos dois blocos em uma única escola de samba. Diante da possibilidade de continuarem sem samba, os dirigentes dos antigos blocos rivais aceitaram se unir, pondo, de alguma forma, a aguda rivalidade em segundo plano.

No estatuto da escola de samba consta que o “Grêmio Recreativo Escola de Samba Alegria da Zona Sul é uma sociedade civil, apolítica, partidária de finalidades filantrópica e administrativa, fundada em 28 de junho de 1992, com sede e fórum na Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Usa as cores verde, azul e branco e com o símbolo de Zé Carioca, um Galo sob o dedo indicador da mão direita do Zé Carioca e o desenho das ondas do calçadão da Avenida Atlântica”. (1982: 1)

Segundo conta Mário, morador de 62 anos, nascido no Cantagalo, antigo membro da diretoria do bloco do Unidos do Cantagalo e que fez parte da fusão dos dois blocos, foram 12 pessoas que se reuniram e se dispuseram a fundar a escola de samba Alegria da Zona Sul:

“A gente queria que não ficasse resquício de nenhuma das agremiações antigas e surgisse uma coisa nova, mas como houve certas interferências... aí acabou ficando o “Alegria” no nome... mas para não ser Alegria de Copacabana (nome do antigo bloco do Pavão-Pavãozinho), acabou ficando Alegria da Zona Sul. Não havia confusão, mas havia era cada um puxando para o seu lado. Quando foi para criar a logo marca da escola, no primeiro desenho era o Zé Carioca segurando o Galo pequenininho no dedo da mão. Ali já foi o motivo da briga! Como pode um papagaio ficar com um Galo no dedo? Ai a gente brigava: ‘Não! Vai botar um do lado do outro e do mesmo tamanho!’ Eram coisas dessa natureza”.

Mesmo fazendo parte então de uma mesma Escola de Samba, pequenas disputas pareciam continuar a perpassar a vida desses moradores do Cantagalo e do Pavão-Pavãozinho que se articulavam em torno do samba. Assim, as escolhas do enredo dos

20 **“Deus me livre! Vou rezar muito e pedir para não cair nesse Cantagalo”:
negociações e conflitos em jogo no processo de implementação de políticas
públicas em uma favela da cidade do Rio de Janeiro.**

sambas eram também motivos de disputas entre os carnavalescos pertencentes aos dois antigos blocos. No primeiro ano que a escola Alegria da Zona Sul desfila, há no samba enredo uma série de referências ao centenário do bairro de Copacabana, à princesinha do mar e ao Zé Carioca que são todos símbolos relacionados ao bairro de Copacabana e ao antigo bloco do Pavão-Pavãozinho. Dois carnavais depois, o enredo fala sobre o centenário de Ipanema citando Tom Jobim, Vinicius de Moraes, a famosa garota de Ipanema e outros símbolos relacionados a esse bairro e, por sua vez, ao Cantagalo.

Dessa maneira, diferentemente dos primeiros bandidos locais que atuaram nas duas favelas levando em conta a rivalidade local e ainda acirrando-a, o Comando Vermelho monopolizou os pontos de vendas de drogas das duas favelas e buscou unificá-las, em outros aspectos de sua vida social, tal como o samba. A relação de hostilidade e disputa entre as duas favelas, no entanto, continuou a existir e muitos foram os moradores que continuaram, por exemplo, a não frequentar a favela vizinha. É comum que se atribua a rivalidade entre favelas em geral às disputas envolvendo os pontos de drogas por organizações rivais ligadas ao tráfico. Entretanto, é interessante notar que, nesse caso específico, a rivalidade entre Cantagalo e Pavão-Pavãozinho é anterior ao início do tráfico na região e, inclusive, orientou a forma como os antigos bandidos locais atuaram na região, antes de serem substituídos pelo Comando Vermelho, que após dominar os pontos de venda de drogas das duas favelas, buscou, ao seu modo, unificá-las.

Conforme o trabalho de campo avançou foi ficando claro que as hostilidades e disputas fazem parte do tipo de relação estabelecida entre esses moradores e da forma como se apropriaram do espaço em que se estabeleceram. Tal hostilidade é, no entanto, permeada por momentos de integração e trégua nos quais tais moradores por diferentes razões e, em diferentes momentos, acabam também se articulando a fim de assegurar algum objetivo específico. No caso acima citado, por exemplo, a união dos dois blocos carnavalescos rivais se apresentava como uma das poucas possibilidades dos antigos dirigentes dos dois blocos rivais não deixar o samba e o carnaval das duas favelas acabarem e, em nome disso, a articulação entre eles torna-se possível, mesmo que nos detalhes seja perpassada por pequenas disputas e rivalidades.

Se antes os “antigos” das duas favelas rivalizavam em condições de igualdade através, por exemplo, de blocos carnavalescos e times de futebol, desde o estabelecimento de uma grande quantidade de nordestinos no Pavão-Pavãozinho, parece ter havido um desequilíbrio nessa relação de poder. O estigma de “reduto dos paraibas” é uma representação pejorativa criada pelos moradores do Cantagalo, mas que também é assim reconhecida pelos raros moradores antigos do Pavão-Pavãozinho. A presença de muitos migrantes nordestinos no Pavão-Pavãozinho é reconhecidamente um diferencial entre as duas favelas atualmente e é a tal fato que os “antigos” atribuem toda e qualquer problema do Pavão-Pavãozinho, uma vez que, nessa perspectiva, os nordestinos não se articulariam politicamente em “nome da comunidade” e só estariam interessados em suas demandas específicas.

Para além da atual rivalidade entre antigos e novos moradores ou “de dentro”

e “de fora”, há, portanto, também a estabelecida historicamente entre os antigos das duas favelas. No passado, os moradores antigos das duas favelas, rivalizavam, por exemplo, através de blocos carnavalescos e times de futebol, explicitando e reforçando os vínculos entre cada favela e com o seu território. Atualmente, os antigos das duas favelas parecem manter uma relação de maior identificação entre si, uma vez que ambos representam a tradição e, a partir da década de 1980, o principal foco de rivalidade recaiu sobre os migrantes nordestinos.

O conflito entre as diferentes formas de percepção do espaço em questão.

Conforme mostramos no início do texto, ao propor o “remanejamento” de moradores do Pavão-Pavãozinho para o Cantagalo, o projeto do PAC evidencia que concebe o “Complexo” como um espaço indiferenciado ou amorfo. Tendo apresentado tal “remanejamento” como opção aos moradores de permanecerem no “complexo”, fica claro que o PAC não leva em consideração, portanto, as categorias locais e as formas como os moradores se diferenciam, se apropriam e se organizam socialmente por esse território.

Desde a Antropologia clássica, Durkheim&Mauss (1981) já chamavam atenção para as formas de classificação espaciais. Os autores tratam das atribuições de significação ao espaço, destacando que esse não é amorfo, mas sim socialmente construído. Através do recuo histórico, utilizando dos recursos da memória e história de vida, o material etnográfico dessa pesquisa deixa claro que os moradores das duas favelas vizinhas não as percebem como um todo uniforme. A diferenciação entre tais moradores está diretamente ligada aos seus sentimentos de pertença e afirmação de suas diferentes identidades.

Cardoso (2010) em sua tese sobre o policiamento comunitário (GPAE) nessas duas favelas, faz um grande avanço ao reconhecer a dinâmica entre os moradores do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho. O autor ressalta que as duas favelas têm suas histórias particulares e que, ao longo das décadas, seus moradores construíram suas identidades coletivas, valorizando os aspectos distintivos entre si. Em suas palavras:

“Os moradores das duas favelas, em suas narrativas, fazem questão de marcar a singularidade que há entre elas, ressaltando aspectos positivos da sua favela e os negativos da favela vizinha.

De modo que não há como não considerar que os moradores do Pavão-Pavãozinho e do Cantagalo negam a existência de uma identidade única entre as favelas. Isso fica evidente quando atentamos para as categorias de acusação e desqualificação dos moradores de cada uma das favelas” (CARDOSO, 2010:89).

Meu material etnográfico me leva, no entanto, a discordar do seguinte argumento de CARDOSO (2010: p.90):

“Todavia, apesar da hostilidade declarada, quando se trata da relação

22 **“Deus me livre! Vou rezar muito e pedir para não cair nesse Cantagalo”:
negociações e conflitos em jogo no processo de implementação de políticas
públicas em uma favela da cidade do Rio de Janeiro.**

com órgãos públicos, sobretudo com a polícia, surge por meio das falas dos moradores um discurso sobre unidade ou conjunto. Neste caso, é o Galo e o Pavão, seja para criticar a polícia, seja para tratar de demandas por prestação adequada de serviços públicos, como é o caso envolvendo abastecimento de água, fornecimento de luz e serviços de correio. (...)

Assim quando se trata do policiamento comunitário, ou mesmo de outras iniciativas estatais, pode-se falar do Pavão e Galo como um complexo que guarda muito mais semelhanças do que diferenças”.

Os dados empíricos da presente pesquisa mostram a possibilidade de existência de uma articulação entre esses moradores diante do poder público, sobretudo em momentos de crise¹⁶. Isso não significa, no entanto, que os moradores das duas favelas atuem articulados entre si contra o poder público em todas as situações, como parece ressaltar Cardoso na citação acima. Há um jogo entre essas lideranças e moradores no qual, de acordo com a situação social, podem atuar também de forma articulada, marcando a integração entre Cantagalo e Pavão-Pavãozinho. Há entre esses moradores das duas favelas, portanto, uma tendência à rivalidade e à segmentação, mas também há a possibilidade de fusão. Em algumas situações, sobretudo as de crise, é possível que acionem o “Complexo Pavão-Pavãozinho-Cantagalo”.

Apesar da existência dessa possibilidade, é importante marcar, no entanto, que essa unidade não se dá sempre na relação de oposição ao poder público ou às ONGS, diante dos quais os moradores se colocariam sempre como um todo unívoco. Se voltarmos, por exemplo, ao primeiro evento conflitivo descrito no início desse texto lembraremos que, no momento da negociação do valor da indenização de suas casas, os moradores não se colocam como um todo unívoco contra o Estado. Ao contrário, tais moradores reafirmam suas diferenças identitárias diante do poder público, por exemplo, ao se negarem a sair do Pavão-Pavãozinho para ir morar nos prédios do PAC no Cantagalo.

Nas reuniões do CCOMP (Conselho Comunitário do Projeto) do PAC 2 também é comum que as disputas e rivalidades desses moradores venham à tona, contribuindo para a argumentação dessa tese que vai de encontro à proposta de Cardoso (2010) da existência de um “nós relacional”, que estaria sempre articulado diante do poder público ou das ONGs. Em tais reuniões, é comum observar lideranças e moradores buscando ressaltar as diferenças entre eles, enfatizando que não fazem parte da mesma comunidade. Assim, em uma das reuniões do CCOMP, quando a presidente da Associação de Moradores do Pavão-Pavãozinho, Alzira, em sua fala se lembrava de uma promessa feita pelo ex-presidente Luis Inácio da Silva que esteve na “comunidade”, uma antiga liderança do Pavão-Pavãozinho a interrompeu: “Ele foi ao Cantagalo! Na mesma comunidade, não! Apenas na mesma formação rochosa, porque aqui é outra coisa! Pavão-Pavãozinho não é mesma comunidade que Cantagalo!”.

Pretende-se com isso enfatizar que, apesar da existência de possibilidade de

¹⁶ Mais sobre a articulação dos moradores dessas duas favelas diante da “crise dos decretos de uso e ocupação do solo, ver Cunha (2012).

articulação, os moradores das duas favelas atuam, frequentemente, de forma segmentada diante do poder público e em situações cotidianas, disputando recursos e ressaltando as diferenças em suas identidades, quase sempre não reconhecidas pelo último. Em uma visita guiada pelas lideranças locais do Pavão-Pavãozinho com técnicos da Comlurb a fim de estudar os melhores pontos para a colocação de mais pontos de coleta de lixo, a diferenciação e rivalidade entre as duas favelas veio novamente à tona de forma bastante explícita. Após percorrer grande parte do Pavão-Pavãozinho, chegamos finalmente à região conhecida como “virada”, que marca o trecho de rua limítrofe entre as duas favelas. Os moradores falavam da necessidade de colocação de mais uma caçamba de lixo no Pavão-Pavãozinho e mostravam a calçada na qual a queriam. Por essa calçada ser bem estreita, uma técnica da Comlurb sugeriu que a caçamba fosse colocada na calçada do outro lado da rua, onde haveria mais espaço. Tal rua, no entanto, marca a divisa entre duas favelas e, na cartografia local, a calçada do outro lado já é considerada, portanto, do Cantagalo. A simples menção a essa possibilidade gerou entre as lideranças que acompanhavam os técnicos um clima de revolta: “Nós estamos aqui para marcar os pontos de lixo da nossa comunidade!! Por que vocês já querem colocar a caçamba para eles?!” E a técnica responde: “Mas, gente, é só atravessar a rua! Na outra calçada tem mais espaço para a caçamba!”. Mal sabia ela o que estava em jogo na separação entre aquelas duas calçadas.

A dinâmica existente entre esses moradores é marcada também por momentos de articulação, como vimos no exemplo do samba e futebol. Quase sempre, no entanto, tal dinâmica se apresenta em forma de segmentação entre eles, que em situações cotidianas não se sentem pertencendo a um todo: o “Complexo Pavão-Pavãozinho-Cantagalo”. Tal jogo está diretamente relacionado à afirmação de identidades e disputa por recursos desses moradores. A dinâmica que marca o tipo de relação estabelecida entre esses moradores foi historicamente construída ao longo do tempo em que ocuparam, se organizaram e se diferenciaram por essa encosta.

As diferenciações, rivalidades e hostilidades seguem fazendo parte da dinâmica através da qual esses moradores se apropriam e se distribuem por esse território. Há uma série de práticas, rivalidades e disputas locais que, apesar de historicamente centrais na dinâmica organizacional dos “moradores” do dito “Complexo Pavão-Pavãozinho-Cantagalo”, não estão sendo levadas em consideração por parte dos idealizadores de políticas públicas como o PAC. Tais projetos de intervenção urbana parecem ser concebidos de acordo com representações da sociedade e do poder público sobre favelas em geral; não atentando, por vezes, para as categorias e realidade social locais¹⁷.

Buscamos, com essa etnografia, trazer à tona toda a diversidade, complexidade e multiplicidade envolvida na dinâmica organizacional dessas duas favelas vizinhas; contribuindo, assim, para a problematização de uma das mais consolidadas representações sociais sobre as favelas: a sua pretensa unidade. De acordo com VALLADARES (2005: 157), o

¹⁷ Sobre a crítica ao racionalismo dos planejadores urbanos, que amarrados aos seus arcabouços teóricos, não levam em consideração em seus planos de intervenção a complexidade da realidade urbana ver Jacobs (1961).

24 “Deus me livre! Vou rezar muito e pedir para não cair nesse Cantagalo”: negociações e conflitos em jogo no processo de implementação de políticas públicas em uma favela da cidade do Rio de Janeiro.

“dogma da unidade” da favela atua tanto nas análises científicas, como no plano político, fazendo com que ela seja sempre pensada no singular: “Comparando o conjunto das favelas ao resto da cidade, não são consideradas as diferenças entre favelas, nem aquelas que demarcam diferentes espaços sociais dentro delas quando, na verdade, diferenças inter e entre favelas não podem ser negligenciadas”.

O PAC foi elaborado e atua no “Complexo Pavão-Pavãozinho-Cantagalo” concebendo-o como um todo coeso, integrado e uniforme, ao passo que, o que está em jogo é a contiguidade de duas favelas com histórias distintas, que passa por uma dinâmica de articulações, mas, sobretudo e, mais marcadamente, por uma série de disputas e rivalidades entre seus moradores que se refletem em sua organização sócio espacial. As recentes intervenções urbanas que ali vem sendo implementadas pelo PAC trazem à tona, portanto, um conflito de percepções em torno da concepção e das formas de utilização desse território pelos moradores e pelos idealizadores dessa política pública.

Bibliografia:

ARAUJO SILVA, Marcella Carvalho. *A transformação da política na favela: um estudo de caso sobre os agentes comunitários*. Dissertação de mestrado em sociologia. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 2013.

CARDOSO, Marcus. *Como morre um projeto de policiamento comunitário: o caso do Cantagalo e do Pavão-Pavãozinho*. Tese de doutorado em Antropologia. Brasília: UNB, 2010.

CAVALCANTI, Mariana. À espera, em ruínas: Urbanismo, estética e política no Rio de Janeiro da ‘PACificação’. *Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*. - Vol. 6 - no_2 - ABR/MAI/JUN 2013 - pp. 191-228.

CUNHA, Neiva Vieira da & MELLO, Marco Antonio da Silva. *Novos conflitos na cidade: a UPP e o processo de urbanização na favela*. *Revista de Estudos de Conflitos e Controle social*-Vol. 4- nº 3-JUL/AGO/SET 2011-pp.371-401.

CUNHA, Juliana Blasi. *Regularização urbanística e fundiária em uma favela da cidade do Rio de Janeiro: Conflitos, percepções e práticas em jogo no processo*. *Revista de Estudos de Conflitos e Controle social*- Vol 5 – nº 3- JUL/AGO/SET 2012 – pp.483-511.

DOWDNEY, Luke. *Crianças do tráfico. Um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.

DURKHEIM, Émile & MAUSS, Marcel. “Algumas formas primitivas de classificação – contribuição para o estudo das representações coletivas”. In: MAUSS, Marcel - *Ensaio de*

Sociologia. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

EVANS-PRITCHARD, E. E. *Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições de um povo nilota*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2002 [1940].

FLEURY, Sonia. “Rio: marca registrada da participação pacificada”. In: *Le Monde Diplomatique*. Brasil, fev.2013.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. [1961]

PERLMAN, Janice. *O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2002.

RODRIGUES, André et al. 2012. “Pensando as associações de moradores no contexto das UPPs”. In: *Revista Comunicações do ISER*, ano 31, n. 67, 2012. Edição Unidades de Polícia Pacificadora – Debates e Reflexões.

SIMMEL, G. O estrangeiro, in Moraes Filho, Evaristo (org.), *Simmel*, São Paulo, Ática, 1983.

VALLADARES, Licia do Prado. *A invenção da favela: do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro. Ed: FGV, 2005.

ZALUAR, Alba. 2000. *A máquina e a revolta. As organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense.

Outras fontes utilizadas:

<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/06/02/sem-upp-suburbio-do-rio-tem-taxa-de-homicidio-20-vezes-maior-do-que-area-pacificada.htm>
(acessado em 21/06/2012)